

**REFLEXÕES ACERCA DO USO DO CINEMA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR:
ENSINANDO CULTURA BRASILEIRA PELA VIA DAS LINGUAGENS
VISUAIS**

**THOUGHTS ON THE USE OF CINEMA IN SCHOOL EDUCATION:
TEACHING BRAZILIAN CULTURE VIA VISUAL LANGUAGES**

Wallace Rodrigues

"não se pode pensar a cultura com um "c" minúsculo e no singular"
(Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo, 2009)

Resumo

O foco deste artigo é refletir sobre a importância do uso de filmes na educação escolar e como os filmes utilizados podem deixar melhor compreender a cultura brasileira. Esse artigo traz uma análise qualitativa e é de cunho bibliográfico. Utilizamos o filme brasileiro “Macunaíma”, de 1969, como objeto para nossos argumentos. Os resultados mostram que o cinema e a educação podem ser grandes parceiros na instrução dos estudantes sobre a cultura brasileira e suas culturas locais, além de outros temas relevantes.

Palavras-chave: Cinema; cultura; educação, Macunaíma.

Abstract

The focus of this paper is to think about the importance of the use of films in school education and how the films used can make students better understand the Brazilian culture. This article brings a qualitative analysis and it is of a bibliographical nature. We used the Brazilian film "Macunaíma", 1969, as an object for our arguments. The results show that cinema and education can be great partners in educating students about Brazilian culture and its local cultures, as well as other relevant topics.

Keywords: Cinema; culture; education, Macunaíma.

Introdução

A sétima arte tem seu espaço garantido na educação, principalmente nas escolas que

inter-relacionam com sucesso os estudos das artes e de outras disciplinas. Os filmes são um material artístico que podem fomentar inúmeras funções pedagógicas.

Nesse contexto, o presente texto busca mostrar que pode haver uma ótima utilização do cinema no contexto escolar. Para tanto, utilizamos o filme “Macunaíma”, de 1969, como exemplo de obra a ser utilizada para auxiliar os estudantes a compreenderem a cultura brasileira, alguns traços de culturas locais e fatos históricos, entre outros pontos.

Esse artigo se coloca como um ensaio qualitativo e que se utiliza de uma bibliografia das áreas das artes e da educação para fomentar uma discussão sobre as vantagens do uso de filmes dentro do ambiente escolar.

O uso dos filmes de cinema na escola

Desejando utilizar o cinema na educação e vislumbrando um ensino sobre cultura, desejamos aqui deixar uma definição básica daquilo que acreditamos ser cultura. O antropólogo Claude Lévi-Strauss nos informa sobre o que seria cultura e sociedade:

[...] a cultura designa o conjunto de relações que, em uma dada forma de civilização, os homens mantêm com o mundo, e a sociedade designa mais particularmente as relações que os homens mantêm entre si. A cultura fabrica organização: cultivamos a terra, construímos casas, produzimos objetos manufaturados (LÉVI-STRAUSS *apud* CHARBONNIER, 1989, p. 35)

Compreendemos, também, que as formas de linguagem, incluindo o cinema, servem-nos para transmitir cultura. Sem linguagem seria impossível ao homem repassar aos mais jovens todos os conhecimentos acumulados até então.

Também, vemos que é pela via da representação que damos significado às coisas, porém as representações são significadas pelas pessoas. No caso do cinema, são os espectadores que se envolvem em múltiplas interpretações. Assim, as representações que nunca terão um significado fixo. Marita Sturken e Lisa Cartwright (2005) nos dizem que:

Através da história, debates sobre representação têm considerado se esses sistemas de representação refletem o mundo como ele é, como se eles espelhassem para nós uma forma de *mimese* ou *imitação*, ou mesmo se, de fato, nós construímos o mundo e seus significados através dos sistemas de representação que usamos. Na perspectiva construtivista, nós somente construímos significado do mundo material através de contextos culturais específicos. Isso

acontece, em parte, através dos sistemas de linguagem (sejam eles escritos, falados ou imagéticos) que usamos. No entanto, o mundo material somente tem significado, e somente pode ser “visto” por nós, através desses sistemas de representação. Isso significa que o mundo não é simplesmente refletido para nós pelos sistemas de representação, mas que nós construímos significado do mundo material através destes sistemas (STURKEN; CARTWRIGHT, 2005, p. 12-13, tradução nossa)

No entanto, não podemos nos esquecer que os filmes são “produtos culturais”. O termo “produto cultural” vem dos estudos dos pesquisadores da Escola de Frankfurt e refere-se a um produto sempre ligado à cultura de massa e executado pela indústria cultural. Marita Sturken e Lisa Cartwright (2005) nos informam que:

Indústria cultural – Termo usado pelos membros da Escola de Frankfurt, em particular por Theodor Adorno e Max Horkheimer, para indicar como o capitalismo organiza e homogeniza a cultura, dando aos consumidores culturais menos liberdade para construir seus próprios significados. Horkheimer e Adorno viram a indústria cultural como gerando cultura de massa como uma forma de fetichismo da mercadoria que funciona como propaganda para o capitalismo industrial. Eles viram toda a cultura de massa como ditada pela fórmula e repetição, incentivando conformidade, promovendo a passividade, traindo seus consumidores daquilo que é prometido e promovendo pseudoindividualidade (STURKEN; CARTWRIGHT, 2005, p. 352, tradução nossa)

Se falamos de uma cultura brasileira estamos falando dos costumes, crenças, ideias, etc, das quais todos os brasileiros participamos. Quando falamos de uma cultura de massa estamos falando de um ambiente influenciado pela indústria cultural e orientado pelo capitalismo, onde quase tudo vira mercadoria. O cinema também vira mercadoria na cultura de massa, mas ele pode nos auxiliar a mostrar a nossos estudantes os traços da cultura brasileira. Marcos Napolitano informa-nos que:

Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte. Assim, dos mais comerciais e descomprometidos aos mais sofisticados e “difíceis”, os filmes têm sempre alguma possibilidade para o trabalho escolar (NAPOLITANO, 2003, p. 11-12)

Como a passagem anterior nos informa, os filmes podem nos ajudar a reconhecer nossos traços culturais, a conhecer nossa história, a decifrar nossa arte (seja ela erudita ou popular), etc. Nesse sentido, o cinema deve ser vastamente utilizado na educação, porém sempre contextualizado e servindo de mecanismo para outras criações linguísticas (textos, trabalhos artísticos, etc).

Marcos Napolitano também nos orienta a trabalhar com obras filmicas que enriqueçam-

nos de conhecimentos. Aqui o cinema entra com toda a força da linguagem que é e pode nos ajudar a produzir muitos resultados benéficos na educação.

Tenha em mente um conjunto de objetivos e metas a serem atingidas, procurando aprimorar os instrumentos de análise histórica e fílmica. Sugerimos que o uso do cinema na sala de aula seja sistemático e coerente, e isso implica que os filmes sejam articulados entre si, sobretudo quando o espírito da atividade é a análise do filme como linguagem e fonte de aprendizado, mais do que catalisador de discussões (NAPOLITANO, 2003, p. 79)

Nesse sentido, os filmes devem ser bem selecionados pelos educadores e devem articular vários saberes, inter-relacionando conhecimentos e propiciando muitos aprendizados. Roseli Pereira Silva informa-nos que o cinema pode auxiliar na compreensão de realidades e ampliando nossa percepção de mundo. Nesse ponto, vemos que a coerente utilização de filmes na sala de aula pode levar, também, a uma reflexão crítica da história cultural brasileira:

A experiência estética que o cinema proporciona abre-nos, sem dúvida, para uma compreensão mais radical da realidade e do ser humano. É uma obra de arte com a qual nos relacionamos para iluminar a nossa percepção do mundo e, claro, é uma via de acesso a nós mesmos; uma convocação instigante que nos faz repensar nossas atitudes e reavaliarmos nossos valores; uma provocação inquietante para questionarmos possíveis conviências nossas com a falta de criatividade, com a mediocridade, que é mostrada, muitas vezes, em comportamentos rígidos, intolerantes, niilistas, autoritários e materialistas. Talvez seja precisamente nesse ponto que descobrimos, atrás dessas possibilidades estéticas, as possibilidades educativas e éticas do cinema (SILVA, 2007, p. 52)

Como exemplo de filme que pode ser utilizado na educação e que tem forte ligação à cultura brasileira selecionamos o filme “Macunaíma” como exemplo prático de aprendizagens importantes para esse artigo. “Macunaíma” é um filme de 1969, com direção e roteiro de Joaquim Pedro de Andrade, baseado na obra literária homônima de Mário de Andrade. O filme relata as aventuras de Macunaíma, nosso herói sem caráter, por vários lugares do Brasil. A “preguiça” de Macunaíma e sua “malandragem” revelam estereótipos do povo brasileiro. Tal filme se coloca como uma obra do movimento Tropicalista, lidando com vários signos da cultura brasileira e jogando com eles para criar uma narrativa cômica.

Vale informar um pouco sobre o que foi o movimento tropicalista. Tal movimento nasce através das artes visuais e da música, tendo como nomes importantes Hélio Oiticica, Caetano Veloso, Gilberto Gil, entre outros. O movimento tropicalista nasce em meio à ditadura militar (1964-1985) e é

fortemente reprimido pela censura militar. Podemos dizer que o “tropicalismo capta a vertiginosa espiral descendente do impasse institucional que levaria ao AI-5” (WISNIK, 1979, 16) e que a canção “Tropicália”, de Caetano Veloso, pode ser tida como uma clara representante de obra de arte desse período histórico.

Os artistas desse período começaram a produzir arte contestando o regime militar e a censura imposta à liberdade de expressão. Randal Johnson nos relata sobre esse negro período da história brasileira, focando sua análise sobre a literatura:

O golpe de estado militar de 1964 que deu início a vinte e um anos de regime ditatorial obviamente teve um grande impacto na literatura e cultura brasileiras. Numerosos trabalhos de ficção têm explorado o impacto e ramificações do autoritarismo, assim como o movimento de resistência que se ergueu contra este regime militar (JOHNSON, 2004, 131, tradução nossa)

Wallace Rodrigues nos mostra alguns mecanismos críticos dos tropicalistas. Mecanismos esses que também podem ser identificados no filme “Macunaíma”, de Joaquim Pedro de Andrade:

A “utilidade do aparentemente inútil” se torna uma outra arma para os tropicalistas. O que estava esquecido no passado volta a fazer parte do presente, re-inventado, re-modelado, anacrônico e fazendo referência às heranças culturais. Também, a ambiguidade da alegoria dá essa liberdade de criação enquanto figura indefinida e dúbia, ambiguidade esta que dá liberdade para criar o contemporâneo com as “ferramentas” deixadas pelos criadores anteriores quase esquecidos. Os tropicalistas, assim, trabalharam com as ideias de inclusão exclusiva e de exclusão inclusiva; utilizando canções antigas, mas que não faziam parte do “estilo” tropicalista. Assim, pela utilização inteligente das mais variadas referências à cultura brasileira, os Tropicalistas transformaram essas referências em signos, e estes signos em referências (RODRIGUES, 2014a, p.84)

Esse mecanismo tropicalista de trabalhar com as mais variadas referências nacionais, mesclando-as de forma anacrônica e sem muito nexos lógicos, acaba por revelar um Brasil de contrastes os mais díspares. Isso pode ser percebido e apreciado no filme “Macunaíma”, no entanto o educador deve estar preparado para adentrar nesse campo da história cultural do país para poder explicar, com clareza, a seus estudantes o que tudo isso significa.

Antônio Lima Neto mostra-nos, também, que várias criações artísticas brasileiras, durante a ditadura militar, voltaram-se contra o regime e seus mecanismos de censura:

[...] todas as manifestações artísticas que se desenvolveram nesse espaço de tempo denunciavam, de uma forma ou de outra, os desmandos do regime. A arte passou a ter um papel preponderante de resistência e denúncia. A bossa nova, que atingira um patamar nunca antes alcançado pela

música brasileira, naquele momento tinha se tornado fonte de alienação para os mais radicais. Consequentemente, a época tornara-se, também, mais radical (LIMA NETO, 2012, p.6)

Vemos, portanto, que o filme “Macunaíma” coloca-se como importante obra para a reinterpretação do livro de Mário de Andrade e como relevante documento imagético tropicalista sobre as criações fílmicas da época. No entanto, voltamos a ressaltar que o educador que utilizar tal filme deve ter pleno conhecimento do período político de criação do filme, deve entender os mecanismos tropicalistas utilizados na obra e deve ter um planejamento prévio para a execução de alguma atividade (de preferência multidisciplinar) a partir da análise do filme.

O filme “Macunaíma” pode ser amplamente utilizado na educação, pois retrata, a partir de uma obra literária nacional, um herói que se aproxima de cada um de nós brasileiros. Do “jeitinho brasileiro” de Macunaíma até sua “preguiça”, muitos dos traços do referido herói nos cabem como luvas. Obviamente devemos tomar esses traços enquanto estereótipos e dentro do âmbito da comédia fílmica. Wallace Rodrigues informa-nos sobre o filme “Macunaíma” e a obra literária homônima:

O filme mostra claramente os mais diversos traços de nossa formação cultural: o indígena, o negro, o branco, o rural, o urbano, o deslumbramento, a preguiça, entre outros. Este filme se enquadra no período inicial do movimento tropicalista, refletindo a busca por uma identificação cultural nacional através da confluência de representações de coisas “tipicamente” brasileiras. Não podemos esquecer que as obras de Mário de Andrade serviram de inspiração para os tropicalistas, já que este pesquisador buscou, verdadeiramente, compreender o Brasil, viajando pelo país para coletar mitos, lendas, crenças, conhecer personagens interessantes, entre outras expedições. Seus trabalhos apresentam a primeira tentativa de tradução do Brasil, antes mesmo do mito da democracia racial brasileira de Gilberto Freyre, na obra “Casa Grande & Senzala”, de 1933 (RODRIGUES, 2014b, p. 6)

Ainda, Wallace Rodrigues e Cristiano Barros nos informam sobre o papel do educador em informar o que foi o regime militar instaurado no Brasil em 1964, suas crueldades e suas censuras de liberdade. Eles nos dizem que:

[...] todas as pessoas envolvidas com a arte do cinema, numa época de ditadura e repressão, driblaram as barreiras da censura e transformaram um produto cultural em uma arma de contestação social. Aliás, há que informar aos jovens sobre a desgraça que foi a censura de informação cultural e de notícias e a tortura sofrida por milhares de pessoas em favor da preservação de um regime que valorizava a ordem militar, a família tradicional, a propriedade privada, os valores católicos e as tradições (fossem elas quais fossem!). (RODRIGUES; BARROS, 2017, p. 82)

Vale ressaltar, ainda, a necessidade de alfabetização imagética e midiática que nossa população brasileira tem, sejam jovens ou velhos. A arte-educadora Ana Mae Barbosa fala-nos sobre essa necessidade de alfabetização para a leitura de imagens:

Nosso problema fundamental é alfabetização: alfabetização letral, alfabetização emocional, alfabetização política, alfabetização cívica, alfabetização visual. Daí, a ênfase na leitura: leitura de palavras, gestos, ações, imagens, necessidades, desejos, expectativas, enfim, leitura de nós mesmos e do mundo em que vivemos. Num país onde os políticos ganham eleições através da televisão, a alfabetização para a leitura da imagem é fundamental e a leitura da imagem artística, humanizadora (BARBOSA, 1995, p. 63)

Renato Mocellin vai mais longe e mostra-nos a relevância do letramento midiático. Isso para que possamos compreender as mais variadas significações dadas pelas várias formas de mídia, também o cinema:

Todos os produtos dos meios de comunicação são, de certa forma, produtos de propaganda, no sentido de que proclamam valores, crenças, opiniões e modos de vida. Explícita ou implicitamente, os meios de comunicação carregam mensagens sobre os mais variados temas: como devemos viver, as virtudes do consumo, o papel da mulher na sociedade e outras noções de valor, poder e autoridade. O letramento midiático propõe o questionamento dos valores e juízos presentes nas mensagens dos meios – a reflexão sobre o que é dito ou não é dito e por que – e a tentativa de decodificação das mensagens subliminares que carregam. (MOCELLIN, 2009, p. 36)

Também, a pesquisadora Eliana Yunes indica-nos que utilizemos várias obras de arte de linguagens artísticas diferentes. Isso pode enriquecer a experiência estética dos estudantes, impulsionar as reflexões sobre as obras e gerar visões críticas próprias sobre os trabalhos de arte:

Constatamos que O Cinema olha A Literatura como fonte de inspiração, e de divulgação ideológica de cânones ocidentais, como matéria-prima de filmes, numa permanente busca de elementos que despertem a atenção do público cinéfilo, interessa saber como o Cinema aprender e divulga tanto o leitor com a própria leitura, inclusiva para o estabelecimento dos pontos de convergência e de divergência entre a literatura da obra de arte literária e a leitura da obra de arte cinematográfica, entre o leitor de uma (leitor) e o leitor de outra (espectador) (YUNES, 2013, p. 30-31)

Não podemos nos esquecer que uma obra fílmica tão complexa e rica quanto “Macunaíma” e que detêm tantas referências culturais não pode ser utilizada para estudantes de todas as idades. Acreditamos que os estudantes do ensino médio seriam os que mais aproveitariam da experiência estética de tal filme.

Ainda, acreditamos que para uma boa análise de filmes o professor deve se atear ao contexto histórico e social no qual o mesmo é produzido, mostrar a importância do tema desenvolvido na obra, deixar ver a conexão/relação com outras obras/filmes, pesquisar sobre questões técnicas (como a fotografia, o roteiro, a direção, a interpretação dos/das atores/atrizes, etc.), pesquisar sobre a recepção do filme pelo público e crítica especializada, entre outros pontos. Isso para sair da visão simplista de somente assistir a um filme em sala de aula sem problematizar sobre ele. Pois o cinema na educação escolar deve ser visto como arte, como ferramenta educacional e como levantador de questões importantes para os estudantes.

Considerações finais

Devemos lembrar que o cinema, como toda forma de linguagem, tem a função de externalizar os significados que nós damos ao mundo. Assim, seu entendimento pode auxiliar-nos vastamente na compreensão de nossa cultura brasileira, pois revela nossos costumes, nossa forma de ser, nossas comidas, nossas virtudes, etc.

Verificamos que o cinema configura-se enquanto uma importante ferramenta educacional, pois promove uma interação direta com os estudantes, levantando temas que podem ser vastamente explorados em sala de aula. Sendo possível, por meio do cinema, conhecer outras culturas, fatos históricos e ocorrências do cotidiano de outras pessoas, mas sempre lembrando que o cinema nos traz uma narrativa criada para ser artística.

Ainda, encarar o cinema enquanto material para ser utilizado na educação não é algo novo, mas ainda há alguma resistência em relação aos usos pedagógicos dos filmes. Nesse sentido, acreditamos que podemos utilizar obras cinematográficas em nossas aulas da educação básica, mas tais obras devem ser bem contextualizadas e devem ter uma função educativa clara.

Cabe ao educador selecionar obras que condigam com a idade dos estudantes, que consigam alcançar seus interesses, que instiguem discussões críticas e que enriqueçam seus conhecimentos. A utilização do cinema na educação não pode ser para matar o tempo, mas deve ser planejada e ter objetivos pedagógicos bem definidos.

Além disso, as obras cinematográficas utilizadas na educação escolar devem colocar em

situação crítica a própria linguagem cinematográfica, deixando mais perguntas a serem respondidas do que respostas dadas. Vemos que há uma dimensão formadora do cinema que é pouco explorada criticamente e que deve ser, constantemente, explorada pela educação.

Conhecer através do cinema significa sensibilizar pela via do visual. O uso do cinema que mostre temas da cultura brasileira pode auxiliar estimulando a imaginação dos estudantes, auxiliando a reconhecer a relevância fundamental dos saberes e fazeres dos brasileiros no mundo. Nesse sentido, os estudantes podem ser instigados a compreender a complexa realidade daquilo que é ser brasileiro hoje, desenvolvendo uma reflexão a partir de suas realidades e para além do filme assistido.

Concluindo, gostaríamos, com esse texto, de incentivar os educadores a utilizarem obras fílmicas em suas aulas, sejam elas de que disciplinas forem. No entanto, clamamos para que haja um planejamento pedagógico prévio e que a obra, quando utilizada na educação, forneça subsídios para outras criações críticas e expressivas.

Referências bibliográficas

AGUILAR, Gonzalo. **Poesia concreta brasileira**: as vanguardas na encruzilhada modernista. São Paulo: Edusp, 2005.

BARBOSA, Ana Mae. Educação Pós-colonialista no Brasil: Aprendizagem Triangular. IN: **Comunicação e Educação**. São Paulo, n. 21, pág. 59-64, 1995.

CHARBONNIER, Georges. **Arte, linguagem, etnologia**: entrevistas com Claude Lévi-Strauss. Campinas, SP: Papirus, 1989.

JOHNSON, Randal. Brazilian narrative. IN KING, John (ed). **The Cambridge Companion to Modern Latin American Cultures**. Cambridge: Cambridge University Press, pág. 119-135, 2004.

LIMA NETO, Antônio. As Intersecções entre Cinema e História no filme Terra em Transe. IN: **Revista Thema**. 09 (02), ISSN: 2177-2894, pág. 1-15, 2012.

MOCELLIN, Renato. **História e cinema: educação para as mídias**. São Paulo: Editora do Brasil, 2009.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

RODRIGUES, Wallace; BARROS, Cristiano Alves. Cinema e identidade cultural brasileira: possíveis reflexões para uso de filmes em sala de aula. IN: **Arteriais**. V. 3, n. 4, pág. 76-83, 2017.

RODRIGUES, Wallace. Música e ditadura: a canção “Tropicália” de Caetano Veloso e seu momento histórico. IN: **Cultura Crítica**. 50 anos de golpe de 64, resistência artística, ditadura militar. Revista cultural da Apropuc-sp, nº 16, ISSN: 1981-0911, pág. 75-85, 2014a.

RODRIGUES, Wallace. Tropicalismo e cinema na construção de uma identidade cultural nacional. IN: **Cadernos de Pesquisa**. UFMA, São Luís, v. 21, nº. 2, ISSN: 2178-2229, pág. 1-9, 2014b.

SILVA, Roseli Pereira. **Cinema e educação**. São Paulo: Cortez, 2007.

STURKEN, Marita; CARTWRIGHT, Lisa. **Practices of looking: an introduction to visual culture**. New York: Oxford University Press, 2005.

WISNIK, José Miguel. O minuto e o milênio ou Por favor, professor, uma década de cada vez. José Miguel Wisnik. IN BAHIANA, Ana Maria; WISNIK, José Miguel; AUTRAN, Margarida. **Anos 70**. Rio de Janeiro: Europa Editora, pág. 7-23, 1979.

YUNES, Eliana. **Leitura pelo olhar do cinema**. São Paulo: Editora Reflexão, 2013.